

Sobre a comunicação, Aníbal Alves

Zara Pinto-Coelho*

“A vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixado” (Carl Rogers, 1985: 38).

“Este processo implica a expansão e a maturação de todas as potencialidades de uma pessoa. Implica a coragem de ser. Significa que se mergulha em cheio na corrente da vida. E, no entanto, o que há de mais profundamente apaixonante em relação aos seres humanos é que, quando o indivíduo se torna interiormente livre, escolhe esta “vida plena” como processo de transformação” (Carl Rogers, 1985:174).

Li pela primeira vez esta obra em 1987, dois anos depois de ter passado de aluna para companheira de trabalho do professor Aníbal. Na altura, foi a partir de mim que a li. Hoje, ela faz sentido no quadro da minha experiência com o professor Aníbal, e em particular no modo como fui experienciando a minha vivência da pessoa em causa. Desta imensa infinidade, apraz-me sublinhar a aprendizagem sobre a comunicação e o ensino, que ancorei agora nestas passagens da sua escrita, e numas quantas palavras minhas.

A liberdade para ser

“A esta controvérsia se referia o grande inovador da retórica, Chaim Perelman nesta passagem: “toda a actividade espiritual que se situa entre o necessário e o arbitrário só é razoável na medida em que se baseia em argumentos e, eventualmente, em controvérsias que normalmente não conduzem à unanimidade” (Perelman, 1993).

A convergência de Perelman com o nosso autor no interesse pela argumentação não fará esquecer importantes diferenças entre os dois no respeitante à própria concepção da argumentação e à relação desta com a filosofia (Ducrot, 1988: 179).

Sublinhámos a controvérsia na expressão citada porque é, finalmente, sobre o carácter polémico que Ducrot reconhece ao discurso que vamos terminar. É que, para-

* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. Endereço electrónico: zara@ics.uminho.pt

doxalmente descobrimos nesse traço uma característica que gostaríamos de realçar na relação humana. Com efeito, no debate intersubjetivo que é o discurso, nem as coisas de que se fala, nem os princípios argumentativos invocados para falar delas, têm um estatuto representativo do mundo exterior à linguagem. O que nem por isso põe em causa nem a realidade do mundo nem a influência da linguagem sobre o mundo. O que assim ganha significado e nos apraz sublinhar é que as relações humanas tecidas no discurso não são nem o resultado nem o reflexo de uma realidade prévia e exterior ao discurso. São, antes, devidas, tal como o sentido, à criação dos próprios interlocutores. E é assim que, relacionar-se e/ou fazer sentido — quer criando-o quer interpretando-o — nos aparece como tarefa exigente e delicada, não necessariamente confortável e cujo resultado é incerto. Nem podia ser de outro modo, se aceitarmos que fazer sentido não é sujeição às coisas, mas sim movimento criador e expressão da liberdade, da mesma liberdade que impele o homem a construir a realidade social e, com ela, a sua própria realidade” (Alves, 2000:133-134).

A casca de cebola

- *Abrir-se ao outro*
- *Colocar a comunicação no seu quadro essencial que é o da relação humana*

“Vindo ao nosso tema: a construção da informação perderia a sua razão de ser se não fosse relacionada com um leitor que a levasse em consideração, que lhe desse sentido. Foi esta partilha de sentido que levou Edward Sapir a definir a própria sociedade em termos de comunicação, ou seja, pela partilha de entendimentos ou significações entre os membros das diferentes unidades organizadas de que é feita a sociedade, “incluindo aquela porção sempre crescente da humanidade que pode ser atingida pela imprensa nas suas diferentes formas” (Denis MCQUAIL 1984:6)” (Alves, 1992: 254).

É em nós que é tudo

“Este realce com que Thayer descreve a realização da comunicação ao nível do sistema psicológico individual, recorda-me a expressão poética de Fernando Pessoa quando também ele sublinhava a unicidade da nossa fonte de acção e de compreensão: “é em nós que é tudo... não é com ilhas do fim do mundo, nem com palmares de sonho ou não, que cura a alma do seu mal profundo... É em nós que é tudo!” (Alves:1992: 255).

O ensino

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio*

Mas, para mim, esta continua a ser a melhor história de todas: ouvi-a há muitos anos, ainda como aluna, contada pelo meu querido amigo, professor Aníbal Alves.

É pena não conseguir reproduzir o som das suas palavras...e dos seus gestos:

“(... Lee Thayer ...) Esta distinção das competências lembra-me a história do regente da banda que em dado arraial fez prova de as possuir. Foi o caso que a comissão de festas tinha conseguido trazer à aldeia a famigerada banda da Guarda Nacional Republicana, julgando com isso ter ultrapassado em muito o valor da comissão anterior. Chegou-se ao arraial com grande expectativa sobre a actuação da banda. Inicia-se esta com as “Valquírias” e as “Quatro Estações” a que se seguem outros excertos do repertório clássico. O desânimo entre o povo depressa se manifestou e, nos membros da comissão o nervosismo era notório. Neste ambiente tenso, o regente faz uma breve pausa e distribui outras peças musicais: sucedem-se corridinhos e “passos-doble”, marchas e rapsódias. E foi o delírio no público e na comissão. O juiz da festa não se conteve. Sobe ao coreto com a banda em aplauso, e exclama para o regente: “Para cá esses ossos, amigo! Parabéns! E vocês na primeira parte a fingir que não sabiam tocar”.

A anedota ilustra o desempenho da competência tática nos dois tempos. A excelente execução do primeiro tempo não levou ao êxito. Só a visão e compreensão da situação, próprias da competência estratégica, levaram à actuação adequada e, por isso, ao êxito” (Alves, 1992: 258).

Referências

- Rogers, C. (1985) *Tornar-se Pessoa*, Lisboa: Moraes Editora (*On Becoming a Person*, 1961).
- Alves, Aníbal (1992) “A informação construída”, *Cadernos do Noroeste*, Vol. 5 (1-2), 243-259.
- Alves, Aníbal (2000) “Argumentação e análise do discurso na perspectiva de Oswald Ducrot”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 28, 117-135.